



Anais do Museu Paulista
ISSN: 0101-4714
mp@edu.usp.br
Universidade de São Paulo
Brasil

Salgado Guimarães, Manoel Luiz
A propósito dos comentários
Anais do Museu Paulista, vol. 15, núm. 2, julio-diciembre, 2007, pp. 125-148
Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27315215>

- Como citar el artículo
- Número completo
- Más información del artículo
- Página de la revista en redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Información Científica
Red de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal
Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso abierto

A propósito dos comentários

Prof. Dr. Manoel Luiz Salgado Guimarães¹

Um texto não se completa senão pelo ato da sua leitura – capaz de torná-lo significativo, revelando suas mais diversas possibilidades interpretativas –, o que termina por reconfigurá-lo segundo o olhar de seus leitores. Nesta relação dinâmica, podem ser descortinados novos sentidos, escapando, assim, à vontade autoral daquele que o produziu. Tal vontade não pode ser invocada como o lugar de produção da verdade do texto, mas como lugar de partida para um debate e, de fato, a produção de um novo texto. Nesse sentido, tenho muito a agradecer aos editores dos *Anais do Museu Paulista* pela oportunidade de apresentar algumas reflexões sobre temática que se cruza com meu interesse mais específico acerca da escrita da história em suas diversas possibilidades.

Problematizar nossa relação com o passado é o que efetivamente transforma esse tempo pretérito em objeto de investigação, tornando-o presentificável por diferentes recursos e meios, capazes de dotar de sentido, novamente, um conjunto de ações humanas que significaram e não significam mais. Igualmente, refletir sobre nossa relação com o passado ajuda-nos a ancorarmos, no presente, identidades e projetos, como condição única de produção de futuros. Escrita da história, usos do passado conectam-se, assim, como investimentos sociais necessários à produção de sentido para as ações humanas.

Por outro lado, esses mesmos investimentos em ressignificação de passados – necessários ou desejados – atenderam a diferentes demandas das sociedades humanas, colocando tal atividade sob o signo da historicidade. Isso significa afirmamos que o passado só pode ser enfrentado por contrastividade em relação a um tempo que denominamos presente e/ou futuro, a menos que admitamos um passado em-si, existente em sua própria essencialidade. Sua existência não nos assegura, como bem nos adverte Jan Assmann, as condições para a existência da história como ofício e reflexão crítica, como um investimento peculiar que transforma o passado especificamente em história.

1. Professor Associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro, lecionando Teoria, Metodologia da História e Historiografia. Professor Adjunto da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, lecionando História Moderna. Pesquisador do CEO/PRONEX CNPq/FAPERJ. E-mail: <msalgado@openlink.com.br>.

Se qualquer texto demanda um leitor para que se realize em sua condição de texto, devo também um agradecimento a todos os que se dispuseram a ler e comentar o que escrevi, produzindo, com esse ato, condições de ressignificá-lo. Especialmente por que foram leituras de especialistas – capazes de, com suas intervenções, abrir horizontes sequer pensados pelo texto original. Em outros casos – o que é igualmente importante para a existência do próprio texto –, indicaram questões intrínsecas, obrigando-me a voltar ao que originalmente havia produzido. Enfim, com suas leituras traduzidas em textos, multiplicaram o esforço inicial de produção acadêmica de um texto, tornando-a significativa e, também, ampliando suas possibilidades para os fins do debate intelectual.

O que pretendo com essa intervenção final é tecer alguns comentários a propósito das leituras realizadas, sem que eles tenham exatamente o sentido de uma resposta a cada um dos autores. Procurei decifrar os caminhos de leitura que produziram os comentários – formulados em textos –, vislumbrando, nesses caminhos, muitas das vezes, possibilidades de enfrentamento do tema que sequer foram problematizadas por mim. Procurei, na verdade, apropriar-me desses comentários como condição de reconfigurar significativamente o próprio texto escrito, ainda que o resultado vá depender de um outro investimento textual. Intuo ser nesse jogo de leituras e comentários que se sucedem e que dão visibilidade a um escrito que está o poder de configurar-se uma possibilidade de autoria como autoridade. Em suma, como parte desse processo, tornam-se possíveis novos começos, expressando a própria razão de ser do trabalho intelectual².

O texto de Dominique Poulot – autor certamente referencial para os estudos acerca da invenção do patrimônio e dos museus –, ainda que tratando especificamente do caso francês e particularmente das mutações com relação à cultura material entre os séculos XVII e XIX, oferece sugestões preciosas para o tratamento dos vestígios materiais do passado sob diferentes sistemas de significação e de ordenação desse material. A partir de uma experiência decisiva (no sentido de instaurar uma percepção moderna da temporalidade), como a Revolução Francesa, Poulot apresenta alguns elementos importantes para compreendermos o jogo complexo entre o escrito e o visual, pela cultura histórica que instaura novas demandas e sentidos para o passado daquela sociedade. O Antigo Regime destruído pela revolução é objeto de uma nostalgia, que torna os restos do passado objeto de uma intensa patrimonialização. É quando, então, o escrito – em épocas anteriores o responsável, segundo o autor, pela transmissão do passado – perde espaço para a visibilidade de um passado que parece inscrita nos mais diversos sinais que chegam aos homens do final do século XVIII e começos do XIX. Sua conservação desempenha o importante papel de prova do passado. Por outro lado, esse mesmo projeto de conservação deve ser regido por uma razão prática, que busca articular a presença desses materiais vindos do passado às novas demandas de uma comunidade que se constrói como nacional. Sua presença, além de falar de um outro tempo, deve igualmente ensinar, revestindo-se, portanto, de uma finalidade pedagógica. Os investimentos

relativos à conservação, disposição e arranjo desses objetos permite, ainda, a atuação dos especialistas necessários à sua decodificação e valorização, produzindo a respeito deles (objetos) um saber especializado que reafirma – por um processo de atestação – o próprio valor desses vestígios. O interessante a reter da interpretação proposta por Dominique Poulot é a articulação que instaura esses objetos numa rede da qual participam *também* os documentos escritos, constituídos em arquivos para a investigação histórica, ressignificando por completo a relação do presente com o passado. Este ganha, assim, novo sentido e pode constituir-se em nova forma de autoridade para o presente.

O texto do professor Ulpiano Bezerra de Meneses – inegavelmente a referência central no campo intelectual brasileiro para a discussão das questões abordadas pelo meu texto –, mais do que uma glosa, como sugere, aponta para desdobramentos importantes, certamente não enfrentados pela minha discussão. Por esse caminho, abre para mim novos investimentos, necessários para ampliar a discussão, com acerto, referida a partir de contextos por ele muito pertinentemente apontados. O primeiro desses caminhos sugeridos indica a necessidade de articular, à discussão em torno dos regimes de historicidade, a problematização dos regimes de visualidade, alargando, e integrando, *produção de passados e formas* de constituir suas visualizações. Assim, ambas as atitudes se inscrevem como fatos sociais que, para além da dimensão temporal de sua produção, incorporam o elemento coletivo. Através de sugestões bibliográficas advindas de tradições intelectuais diversas, um novo horizonte de possibilidades se desenha a partir da leitura feita pelo professor Ulpiano Bezerra de Meneses.

Dela, um segundo ponto pareceu-me especialmente enriquecedor, e desafiador como enfrentamento necessário: pensar a problemática do imaginário e sua articulação com a visualidade, compreendendo uma relação muito peculiar entre pensamento verbal e aquele “que só pode perfazer-se de modo visual”. Necessariamente, essa sugestão implica repensar, da mesma maneira, a relação entre escrita e visualidade, reafirmando as respectivas especificidades expressivas. Ainda que em meu texto essa posição seja claramente tomada, as sugestões de Ulpiano Bezerra de Meneses indicam a necessidade de efetivamente radicalizar esse tratamento, abandonando por completo qualquer perspectiva ingênua de supor que o passado se torna visível pura e simplesmente pela apresentação de “suas imagens”. Quanto à abordagem dos museus tendo em vista sublinhar as especificidades dessas instituições no continente americano – proposta pela sua leitura –, concordo inteiramente com suas observações e com a necessidade de pensar esses projetos institucionais segundo a historicidade própria às sociedades americanas. Especialmente instigante é sua observação quanto à particularidade dessas criações museológicas em que nem a tradição antiquária e tampouco a prática historiadora parecem ter encontrado lugar. Ao tratar de formas específicas com que esses museus enfrentam o problema de *dar visibilidade* ao passado, não suponho generalização desse modo peculiar de *olhar* o passado; e, a partir das indicações do texto do professor Ulpiano Bezerra de Meneses, caberia, talvez, perguntar-nos até que ponto os museus de história natural não corresponderiam à forma muito idiossincrática de enfrentamento do passado por

essas sociedades americanas. Penso, especialmente no caso brasileiro, nos textos de Von Martius – reconhecido botânico de especialização e profissão, procurando, neles, indicar alguns caminhos possíveis para o deciframento do passado das sociedades americanas –, que levam em consideração exatamente a questão da Natureza como elemento para responder a essas interrogações. Na ausência de vestígios de uma cultura “antiga” (o que certamente preocupava um homem como von Martius, formado pelas Luzes européias), a interrogação de uma Natureza exuberante pareceria poder fornecer algumas chaves para o deciframento do enigma dessas sociedades e de seus habitantes. A sugestão final do professor Ulpiano Bezerra de Meneses, a título de uma projeção para as interrogações nesse campo de pesquisa, é particularmente importante e, sobretudo, necessária para o enfrentamento dos usos contemporâneos do passado: a esterilização, pelo verbo, de novas possibilidades cognitivas do passado aliadas a formas presentes de visualização, capazes de propor, ao mesmo tempo, uma nova inteligibilidade para as experiências do passado.

O texto do professor Eduardo Ismael Murguía centra uma parte importante de sua leitura, segundo minha própria percepção, num dos aspectos prioritários do trabalho de rememoração próprio às sociedades contemporâneas: a questão da memória e de suas relações com o trabalho de patrimonialização. Um ponto importante, por ele apontando, indica as possíveis relações entre história oficial e produção de memória, o que, segundo o autor, iria no contrafluxo de minha argumentação acerca dos investimentos distintos a caracterizar o trabalho da memória e o da história. Uma observação aqui se faz necessária, e certamente é possível fazê-la agora graças às observações do professor Eduardo Ismael, uma vez que o tema foi pouco desenvolvido em meu próprio texto. Investimentos distintos em tarefas da memória e nas da história não significam, no meu entender, que perceba uma separação absoluta entre as duas formas de lembrança do passado. Concordo com a observação acerca das relações que se tecem entre uma “história oficial” (seja qual for o ideário que a “oficialize”) e a memória, mas essa relação alargar-se-ia ainda mais na medida em que a própria disciplina que definiu formas para a produção do conhecimento histórico também produziu uma memória disciplinar. Autores canonizados e panteonizados, leituras “clássicas” e periodizações que enquadram nossas aproximações e abordagens históricas fazem parte de um esforço disciplinar, no sentido de produzir uma lembrança necessária para o trabalho no campo específico. Assim, para usar sua terminologia, não apenas a história oficial, entendida talvez em sua dimensão mais política, produz memória. O que procurei indicar é que os investimentos são distintos em relação à tarefa da memória – e que parecem dominar os esforços contemporâneos em relação ao passado – e à tarefa de refletir sobre aquilo que, em determinados contextos, é significado como passado, objeto de uma reflexão e de um conhecimento. Somente com a experiência da modernidade, segundo as sugestões agudas de Koselleck, o passado pode tornar-se efetivamente em objeto de uma investigação científica, na medida em que se transformara em algo absolutamente desconhecido para as sociedades contemporâneas ao evento revolucionário francês. Quanto a suas observações

relativas à patrimonialização, sublinhando seu caráter histórico e com as quais concordo, não me parece que meu texto possa sugerir qualquer interpretação metafísica desse fenômeno. Bem ao contrário dessa visão, minhas indicações e premissas vão todas na direção de apontar a patrimonialização como parte de um esforço específico de significar – portanto, de dotar de valores – as experiências e os vestígios legados pelo passado. Na esteira dessas reflexões, o professor sugere uma questão que certamente não foi enfrentada pelo meu texto, mas para a qual gostaria de chamar a atenção e apontar a pertinência de sua observação. A dimensão econômica envolta nesse trabalho que busca valorizar o passado como mercadoria, consumível e vendável, para um mercado aparentemente ávido desses produtos que, adjetivados como “histórico”, assumem valor específico como mercadoria. Percebe-se aí uma mutação, na esteira de um mundo globalizado – expressão de uma tensão peculiar entre o universal e o particular, plurissignificando o sentido da palavra *histórico*.

O texto da professora Iara Lis Schiavinatto – autora de importante trabalho³, em que aborda o significado das imagens para o trabalho de interpretação histórica, mesmo em se tratando de fenômenos tradicionalmente abordados pela história política –, ajuda-me a alargar possíveis investimentos em relação ao trabalho com essa temática. Sua leitura chama atenção para os diferenciados usos da imagem, alargando referências que não foram efetivamente por mim consideradas. Dessas sugestões, duas chamaram-me a atenção, posto que, mesmo tendo conhecimento delas, ainda não investi em seu potencial analítico. A primeira delas está relacionada aos trabalhos de Carlo Ginzburg; e a segunda – que especialmente me instigou –, suas referências ao tema do trauma e suas relações com a produção de imagens segundo as formulações clássicas de Freud. Considerando, particularmente, os eventos traumáticos da história contemporânea e que estão na raiz de investimentos peculiares em relação ao passado em nossa atualidade, Iara Lis indica um caminho instigante para se pensar as possíveis relações entre imagem e escrita da história, que evidentemente transbordam, algumas, e ressignificam-se, outras, das possibilidades recentes de investir visualmente em relação ao passado. O que está em jogo, segundo a pertinente observação da autora, é a relação entre o escrito e a imagem nas tarefas de produzir conhecimento sobre o passado. A citação de Italo Calvino, que finaliza sua leitura, levanta, a respeito de meu texto, uma hipótese que, pelo desvelamento através de suas palavras, a ela agradeço. A imaginação é condição para podermos escrever sobre o passado. Esse ausente que se torna presente somente pelo esforço imaginativo de procedimentos postos em marcha pelo historiador.

O texto do professor José Reginaldo Santos Gonçalves, antropólogo estudioso das instituições de memória e das formas narrativas de produzir sentido para o tempo passado, afirma um lugar de fala – a antropologia – que veio a constituir-se em importante contribuição para o trabalho dos historiadores empenhados num combate às teleologias que marcaram as filosofias da história do século XVIII e fundamentaram importantes reflexões acerca da história no momento de sua institucionalização, já no século XIX. E é exatamente desse lugar

4. Regina Abreu (1996).

5. Consultar a respeito Blandine Barret-Kriegel (1988).

6. Andreas Huyssen (2000).

que me vem a sugestão, imprescindível, de pensar essas possibilidades de reconstruir o passado – em sua diversidade e pluralidade – como um sinal capaz de questionar a idéia apaziguadora – e bastante cara ao campo disciplinar da História – de flagrar conjunturas históricas estáveis, que organizariam o passado e o próprio presente, subtraindo assim, de sua leitura, a dimensão plural das experiências históricas e de suas significações para os homens *in acto*, vivendo no tempo. Indicar essa possível concomitância de experiências diversas de tratar o tempo ajuda-nos a combater qualquer suposição de que estaríamos diante de uma evolução nas formas de abordar o passado, que passariam de formas menos científicas para formas mais objetivas e, por isso, mais precisas para sua abordagem.

A professora Regina Abreu, com seu livro⁴ a respeito da “fabricação do imortal”, tornou-se referência incontornável nos estudos acerca das instituições de memória e nos de suas estratégias específicas de produzir lembrança e rememoração. Seu texto começa propondo uma interpretação do antiquário como metáfora do homem moderno que, mesmo apresentando aspectos verdadeiramente instigantes para o exercício do pensamento, pode descuidar da dimensão própria a cada uma dessas experiências como forma diversa de significar a passagem do tempo. Se é fato que [o antiquário] está tomado por seus objetos e pelas relíquias que coleciona do passado, não veria, nesse ato, uma incapacidade de discernimento ou ausência de competência para ver. É exatamente no bojo dessa tradição, não podemos descurar, que se organizam os procedimentos da erudição produtiva, entre eles o exercício da crítica documental, tão necessários ao deciframento do passado a ser realizado posteriormente pela disciplina histórica. Talvez seja essa a memória construída pela filosofia da história do século XVIII – responsável pelo que Blandine-Kriegel denominou “a derrota da erudição”⁵. Em outros termos, a memória produzida pelos filósofos da história no século XVIII, talvez tenha encapsulado os antiquários em uma memória que nos faz vê-los, ainda, segundo essa forma peculiar de lembrança. Concordo com a autora quanto aos problemas da reflexão e do discernimento próprios de nossa contemporaneidade, que achatam o passado tornando-o mero prolongamento do presente que se pretende eterno, inviabilizando aquilo que me parece ser o tom de sua preocupação – a necessidade de um exercício de leituras múltiplas e diversificadas – como condição de enfrentarmos essa pasteurização em curso nestes tempos de presentismo. Outro ponto que gostaria de sublinhar na leitura da professora Regina Abreu, e que a conecta com as observações da professora Iara Lis, tem a ver com o diagnóstico de uma perda da capacidade de imaginar diretamente associada à capacidade de criação. Ainda que meu próprio texto tangencie essa problemática, sobretudo quando assinala a compulsão contemporânea pelo arquivo, não o desenvolve nos termos em que as sugestões das duas professoras procuram apontar e, por isso, tornam-se sugestões preciosas para mim. Retomando as sugestões de Andreas Huyssen⁶, que também para mim são fecundas, a

professora Regina Abreu indica o conceito de “rememorações produtivas” como especialmente importante e útil para fugir de uma polarização entre excesso de meios de memória e incapacidade de trabalhá-la ativamente. Especialmente no campo das instituições museológicas, essa sugestão pode tornar-se interessante para enfrentar aquilo que, com pertinência, a autora observa a respeito das agências encarregadas do patrimônio e dos museus: seu caráter plural em nossa contemporaneidade, o que dá a elas o seu caráter de historicidade própria e, por isso, diferente daquelas que abordei em meu texto.

O professor Francisco Régis Lopes Ramos, diretor do Museu do Ceará e professor do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará tem se dedicado com inteligência a pensar e a administrar instituições de memória; e seu texto, como outros que produziu a respeito de temática semelhante, convida-nos a problematizar a delicada relação entre objetos e representação do passado, a partir da intermediação do texto escrito. Valendo-se de uma narrativa literária, aliás feita de maneira belíssima, o autor é capaz de enfrentar o problema da representação da ausência por esse jogo de metáforas entre literatura e história. Ao ponto central de seu texto, chega a partir de um recorte e de uma recriação, toda sua, que realiza do meu texto, acerca da escrita e de sua relação com a religião do pai. Para a significação do objeto, seria necessário o texto. E quais os desdobramentos e implicações dessa postura para, efetivamente, lidar com os artefatos disponíveis ao olhar em nossos museus modernos? Ainda que essa questão possa encontrar-se no texto que escrevi, inegavelmente o professor Francisco Régis vai além, ao tentar radicalizar a questão e o enfrentamento dos problemas que daí podem decorrer. De certo modo, sua questão me permite retomar uma das observações que fiz em relação ao texto do professor Ulpiano Bezerra de Meneses. Quais conseqüências podem ser extraídas dessa dependência do artefato em relação à letra, como sugere o texto do professor Francisco Régis? Outro ponto para uma abordagem mais cuidadosa que seu texto nos sugere – e também já aqui assinalado ao comentar o texto do professor Eduardo Ismael Murguía – diz respeito à questão da mercantilização da memória a partir das demandas de uma indústria encarada como “promissora”, em nossa atualidade, como a do turismo. Que relações entre “dever de memória” e mercantilização do passado? Não estaria, assim, aberta uma porta também para a banalização dos investimentos em lembrança? Nas palavras do professor Régis, não estaria essa lógica presidindo e “ocupando a cabeça dos administradores da superficialidade”? Questão certamente central para problematizarmos os usos contemporâneos do passado, especialmente em sua versão midiática. É preciso, contudo, não cairmos na tentação demonizadora desses meios de comunicação e de suas práticas, o que em nada nos ajudaria a compreender o sentido desses usos do passado, simplificando uma complexa relação em que o passado está sendo demandado pelas sociedades contemporâneas e num momento em que refletir sobre isso pode nos ajudar a diversificar inclusive nossa relação com o próprio passado. Não quero, com

esta observação, sugerir que seja essa a interpretação que decorre das indicações argutas e pertinentes do professor Régis. Apenas apontar que saídas dicotomizadoras e simplificadoras não resolvem o necessário enfrentamento de questões que estão na ordem do dia e dizem respeito a demandas efetivas de nossas sociedades contemporâneas.

O texto da professora Cecília Helena de Salles Oliveira começa com uma belíssima citação, que sugere o leque de problemas e questões a envolver seu próprio trabalho como historiadora do Museu Paulista e sua larga produção de literatura a respeito das relações entre a imagem e a produção do passado. O ponto central de sua contribuição para minha própria reflexão acerca das instituições museológicas, especialmente daquelas voltadas para a apresentação do passado, está na interrogação que propõe acerca do sentido pedagógico dessa atividade, entendida aqui não numa perspectiva meramente informativa, mas fundamentalmente formativa. Meu texto não se ocupou dessa dimensão, efetivamente importante e sugestivamente apontada pela professora Cecília Helena, a partir de uma vasta experiência e de uma pesquisa de campo realizada com visitantes do Museu Paulista. Mais do que informar para formar, segundo as exigências de uma pedagogia cívica do Estado nacional, os museus poderiam ser vistos também como espaços formativos capazes de alterar vivências (herança, talvez, da concepção da *Bildung* alemã), ressaltando a sua própria dimensão plural e múltipla, em suma, contribuindo para o alargamento da capacidade imaginativa, nos termos já enunciados por outras contribuições aqui publicadas. Passado e imaginação são inseparáveis, constituindo os termos de uma equação em que a liberdade se torna a condição para a ação humana, e o passado deixa de ser fardo para ser experiência libertária.

O texto do professor Elias Thomé Saliba enfrenta de forma mais direta aquilo que algumas leituras anteriores, ao comentarem o meu escrito, sinalizaram: os desdobramentos atuais que articulam investimentos de memória e indústria do turismo. Sua leitura foi, para mim, estímulo para investir de maneira mais consistente nessa reflexão em torno de um aspecto específico do interesse de nossa contemporaneidade pelo passado, sua visualização e patrimonialização. “Disneyficação ou Uffizificação” do passado? – poderíamos nos perguntar, na esteira de suas inteligentes observações. Com um sabor especial, seu texto é agudo em apontar questões fundamentais para nossa reflexão acerca do passado: o problema da reprodução/imitação que, desde os antigos, constitui tema central para pensarmos nossa relação com eventos passados. Também instigante é sua sugestão e, por isso, “boa para pensar” a respeito das novas vestimentas para velhos projetos, atualmente postas em prática pela indústria globalizada do turismo. Segundo o autor, não estaria tal indústria reeditando – poderíamos dizer repaginando – o velho projeto colecionista e antiquário?

O texto do professor Francisco Marshall me indicou algumas questões importantes, bem como desacertos, do meu texto, pelo que lhe sou grato. Como afirmei ao começar esses comentários, é pelo olhar e leitura de outros, enfim

pela relação que se instaura a partir daí, que um texto pode ganhar alguma autoridade, e não tão-somente pela vontade de quem o escreve. Permito-me, contudo, uma breve observação a respeito do seu comentário. Ao tratar de Berlim e de seus investimentos em memória, em rememoração, não me parece estar defendendo a idéia de que o problema se resolve apenas com monumentalização desse passado ou com futurismo, expresso em reorganização arquitetônica da cidade. Certamente, ele é mais complexo do que monumentalizar o passado e investir no futuro, uma vez que são inúmeras as lembranças e memórias a serem trabalhadas: a do Holocausto certamente é imperativa e imperial; no entanto, a da DDR (República Democrática Alemã), muito próxima, é, por vezes – e de maneira diferente –, igualmente problemática. Esse território (concordando com o autor dos comentários) é, sim, altamente politizado e disputado. E por isso são necessários monumentos – do passado e do futuro –, e inscrevem-se nessa dinâmica.

O texto do professor Paulo Martinez oferece uma leitura a partir de um ângulo que me pareceu bastante sugestivo, abrindo um viés de discussão que certamente não abordei, mas que me pareceu contribuição importante a ser explorada. A partir de suas pesquisas com relação à história ambiental, Paulo Martinez sugere possibilidades de investigar as relações com campos disciplinares distintos – como, por exemplo, a geografia –, a partir dessas alterações com relação à percepção do tempo em nossa contemporaneidade. Certamente essas mutações em nossa relação com o tempo e seu transcurso obrigam a repensar a constituição dos campos de conhecimento na forma como vieram a se constituir a partir do século XIX. O que me pareceu interessante e instigante em sua leitura foi como os estudos acerca da história ambiental podem ajudar nessa problematização.

Por fim, o texto da professora Ana Cláudia Fonseca Brefe procurou destacar dois aspectos da leitura de meu texto, ainda que um deles pouco problematizado por minha questão central. A autora abordou o enfrentamento do tema dos museus como parte de uma das estratégias contemporâneas de significar a experiência do tempo, mas conferiu maior destaque ao significado das imagens quando tomadas no espaço museal. Ao assinalar as transformações relativas ao estatuto da imagem a partir da Revolução Francesa, a professora Ana Cláudia Brefe aponta a “substituição do modo narrativo pelo icônico e uma proeminência da alegoria sobre o símbolo”, dessa forma sugerindo um caminho também importante e necessário para a discussão acerca da relação entre imagem e representação do passado. E, por esse caminho, pode ser apontado um desdobramento da problemática por mim levantada. Com propriedade, ela atenta para a necessidade de interrogar-se acerca das transformações sofridas pelo estatuto da imagem a partir da criação de instituições museológicas, e da importância dessas transformações para a reflexão de uma disciplina específica como a história da arte. Nesse sentido, a leitura da professora Ana Cláudia Brefe aponta para as interfaces necessárias ao tratamento da imagem quando

se trata de pensá-las em sua relação com o passado. Ao direcionar seu foco para o objeto propriamente, a autora chama a nossa atenção para a importância de tal tratamento tendo em vista uma efetiva compreensão dessa relação. Ainda que meu texto partilhe dessa compreensão e desse encaminhamento, certamente este não foi seu foco prioritário para a análise da questão.

Ao final desses comentários, somente possíveis a partir de leituras de especialistas conceituados, mais uma vez quero agradecer a oportunidade de participar de um debate verdadeiramente acadêmico como esse que o Museu Paulista me ofereceu. Em nossa vida acadêmica, poucos são os momentos em que idéias podem ser discutidas; e a seção dos *Anais do Museu Paulista* presta, assim, uma enorme contribuição para os estudiosos dos temas aqui abordados.

REFERÊNCIAS (relativas à seção Debates)

ABREU, Regina. *A Fabricação do Imortal. Memória, História e Estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, Lapa, 1996.

ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (Org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP & A; Faperj, 2003.

ALVES, Ana Maria Alencar. *O Ipiranga apropriado*. São Paulo: Humanitas, 2001.

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities*. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism. London: Verso, 1991a.

_____. Census, Map, Museum. In: _____. *Imagined Communities*. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism. London: Verso, 1991b. p. 163-186.

ANDRADE, Mário de. *Contos novos*. São Paulo: Martins, 1978.

ARENDT, Hannah. *La crise de la culture*. Paris: Gallimard, 1972.

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ARIÈS, Philippe. *Le temps de l'histoire* (1954). 2ème éd. Paris: Seuil, 1986.

ASSMANN, Aleida. *Erinnerungsräume*. Formen und Wandlungen des kulturellen Gedächtnisses. München: Beck, 2003.

ASSMANN, Jan. Collective memory and cultural identity. *New German Critique*, Ithaca, n. 65, p. 125-133, Spring-Summer 1995.

_____. *Die mosaische Unterscheidung oder der Preis der Monotheismus*. München: Carl Hanser, 2003.

BAKER, Keith M. *Condorcet: from natural philosophy to social mathematics*. Chicago: The University of Chicago Press, 1975 (trad. française: Paris: Hermann, 1988).

_____. *Au tribunal de l'opinion: essais sur l'imaginaire politique au XVIIIème siècle*. Paris: Payot, 1993.

BANN, Stephen. *As invenções da História*. Ensaios sobre a representação do passado. Trad. F. Villas-Boas. São Paulo: UNESP, 1994.

BARRET-KRIEGEL, Blandine. *La défaite de l'érudition*. Paris: Presses Universitaires de France, 1988.

_____. *Les Historiens et la Monarchie, I*. Jean Mabillon. Paris: Presses Universitaires de France, 1988. p. 215-267.

Annals of Museu Paulista. v. 15. n.2. July-Dez. 2007.

- BARTHES, Roland. Le théâtre de Baudelaire. _____. *Essais Critiques*. Paris: Seuil, 1954. p. 41-47.
- BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa*. Trad. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BAUDRILLARD, Jean. *Cool Memories II: crônicas 1987-1990*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- BAZIN, Germain. *Les temps des musées*. Bruxelles: Desoer, 1967.
- BENJAMIN, Walter. *Documentos de cultura, documentos de barbárie*. Sel. e apres. Willi Bolle. Trad. Celeste de Sousa et al. São Paulo: Cultrix; Edusp, 1986.
- BENNETT, Tony. *The birth of the museum*. History, theory, politics. London: Routledge, 1995.
- BERTHO-LAVENIR, Catherine. L'invention de la Bretagne. Genèse sociale d'un stéréotype. *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n. 35, p. 45-62, nov. 1980.
- _____. La géographie symbolique des Provinces. De la Monarchie de Juillet à l'Entre-Deux-Guerres. *Ethnologie Française*, Paris, v. 18, n. 3, p. 220-232, 1988.
- BONNET, Jean-Claude. *Naissance du Panthéon*. Essai sur le culte des grands hommes. Paris: Fayard, 1998.
- BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, Adauto. *O Olhar*. São Paulo: Companhia da Letras, 1988. p. 65-88.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. Lembrança de Velhos. 12.^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BREFE, Ana Cláudia. *O Museu Paulista: Affonso de Taunay e a memória da nação, 1917/1945*. São Paulo: Museu Paulista; Unesp, 2005.
- BRICE, Catherine. Antiquités, archéologie et construction nationale en Italie: quelques pistes de recherche. *Mélanges de l'École française de Rome. Italie et Méditerranée*, v. 113, n. 2, p. 475-492, 2001.
- BRICE, Germain. *Description de la ville de Paris et de tout ce qu'elle contient de plus remarquable, III*. Paris: J. M. Gandouin, 1713.
- BROWN, Peter. *The world of Late Antiquity*. New York: Norton, 1989 [1971].
- _____. *A ascensão do cristianismo no Ocidente*. Lisboa: Presença, 1999.
- BURKE, Peter. Images as evidence in seventeenth-century Europe. *Journal of the History of Ideas*, Philadelphia, v. 64, n. 2, pp. 273-296, April 2003.
- BUTLER, Eliza Marian. *The Tyranny of Greece over Germany*. London: Cambridge University Press, 1935.

CALVINO, Italo. Seis propostas para o próximo milênio. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANGLINI, Nestor G. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 2000.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHANET, Jean-François. *Les félibres cantaliens*. Aux sources du régionalisme auvergnat (1879-1914). Clermont-Ferrand: Adosa, 1999.

CHATEAUBRIAND, François R. Préface. *Etudes Historiques*. Paris: Furne, 1831.

CHAUI, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Adauto. *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 31-63.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

CONDORCET, marquis de ((Marie Jean Antoine Nicolas de Caritat). *Esquisse d'un tableau historique des progrès de l'esprit humain*. Présent. Alain Pons. Paris: Garnier; Flammarion, 1988.

COSTA, Maria de Fátima. *História de um país inexistente: o pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. São Paulo: Estação Liberdade; Kosmos, 1999.

CONSTANT, Benjamin. De l'usurpation. In: GAUCHET, Marcel (Éd.). *De la liberté chez les modernes*. Paris, Le livre de Poche, 1980, pp. 189-190.

COUTO, Mia. *Cada homem é uma raça*. Lisboa: Caminho, 1990.

_____. *O outro pé da sereia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CREW, Phyllis Mack. *Calvinist preaching and iconoclasm in the Netherlands, 1544-1569*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

CRISTIN, Claude. *Aux origines de l'histoire littéraire*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 1973.

D'ALEMBERT, Jean. Réflexions sur l'histoire, lues à l'Académie Française dans la séance publique du 19 janvier 1761, dans: *Mélanges de littérature, d'histoire, et de philosophie*, Amsterdam, chez Zacharie Chatelain & Fils, 5 tomes, 1764-1767, t. V, 1767, pp. 469-494.

_____. Réflexions sur l'histoire, lues à l'Académie Française dans la séance publique du 19 janvier 1761. In: _____. *Mélanges de littérature, d'histoire, et de philosophie*, t. V. Amsterdam: Zacharie Chatelain & Fils, 1767, p. 469-494.

DA VINCI, Leonardo. *Traité de la peinture*. Paris, Berger-Levrault, 1987.

DANTO, Arthur C. Description and phenomenological perception. In: BRYSON, Norman; HOLLY, Michael Ann; MOXEY, Keith (Ed.). *Visual theory*. Oxford: Polity Press, 1991. p. 201-215.

DAVIS, Natalie Zemon. *Les cultures du peuple*. Paris: Aubier, 1979.

Annals of Museu Paulista. v. 15. n.2. July-Dez. 2007.

DECULTOT, Élisabeth. *Jobann Joachim Winckelmann*. Enquête sur la genèse de l'histoire de l'art. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.

DELON, Michel. *L'idée d'énergie au tournant des Lumières (1770-1820)*. Paris: Presses Universitaires de France, 1988.

DELUMEAU, Jean. *La peur en Occident*. Paris: Fayard, 1978.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*. Uma Impressão Freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DIEPGEN, Eberhard. *Berlin, Berlin*. Die Ausstellung zur Geschichte der Stadt. Berlin: Nicolai, 1987a. _____. *750 Jahre Berlin*. Stadt der Gegenwart. Berlin: Ullstein, 1987b.

ECO, Umberto. O falso necessário. *Entre Livros*, São Paulo, n. 25, p. 82, maio. 2007.

EGBERT, Donald. The idea of avant-garde in art and politics. *American Historical Review*, Bloomington, v. 73, n. 2, p. 339-366, 1967.

ELIAS, Maria José. *Museu Paulista: história e memória*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

ELLUL, Jacques. *La parole humillée*. Paris: Seuil, 1999.

ESCAYOL, Maria Antonia Marti. *La construcció del concepte de Natura a l'edat moderna: natura, cultura i identitat en el pensament català dels segles XVI i XVII*. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, 2005.

ELSNER, Jas. *Art and the Roman viewer: the transformation of art from the pagan world to Christianity*. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1995.

FALCONET, Camille. Sur nos premiers traducteurs français avec un essai de Bibliothèque française: un discours lu le 28 janvier 1727. *Memoires de l'Académie des inscriptions et belles-lettres*, 7, p. 292-300, 1733.

FEIJÓ SOBRINHO, Pedro da Silva. *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

FERNANDES, Florestan. Desafios às Ciências Sociais de língua portuguesa. *Revista de Estudos Avançados*, São Paulo, n. 10, set.-dez. 1990 (Universidade de São Paulo; Instituto de Estudos Avançados).

FITZSIMONS, M.A. Voltaire: History Unexemplary and 'en Philosophe'. *The Review of Politics*, Notre Dame, v. 40, n. 4, p. 447-468, Oct. 1978.

FOSSIER, François. La charge d'historiographe du seizième au dix-neuvième siècle. *Revue Historique*, Paris, v. 258, n. 523, p. 73-92, juil.-sept. 1977.

_____. A propos du titre d'historiographe sous l'Ancien Régime. *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, Paris, v. 32, p. 361-417, juil.-sept. 1985.

FRAISSE, Luc *Les Fondements de l'histoire littéraire*. De Saint-René Taillandier à Lanson. Paris: Champion, 2002.

FREI, Norbert. *1945 und Wir*: Das dritte Reich im Bewußtsein der Deutschen. München: Beck, 2005.

FRIEDLANDER, Saul (Org.). *Probing the limits of representation*: Nazism and the "Final Solution". Cambridge, MA: Harvard University Press, 1992.

FRITZSCHE, Peter. Specters of History: on nostalgia, exile and modernity. *American Historical Review*, Washington, v. 106, n. 5, p. 1587-1618, Dec. 2001.

FURET, François. L'ensemble histoire. *Livre et société dans la France du XVIIIème siècle. II*. Paris-La Haye: Mouton, 1965-1970. p. 97-110.

_____. *Penser la Révolution française*. Paris: Gallimard, 1978.

FURET, François; OZOUF, Mona. Deux légitimations historiques de la société française au XVIIIe: Mably et Boulainvillers. *Annales ESC*, Paris, v. 34, n. 3, p. 438-450, 1979.

FURETIÈRE. *Dictionnaire Universel*. La Haye et Rotterdam: Arnout et Reiniers Lerrs, 1690.

GEARHART, Suzanne. *The open boundary of history and fiction*: a critical approach to the french enlightenment. Princeton: Princeton University Press, 1984.

GELLNER, Ernest. *Nations and Nationalism*. Ithaca: Cornell University Press, 1983.

GEMBICKI, Dieter. *Histoire et politique à la fin de l'ancien régime*: Jacob-Nicolas Moreau. Paris: Nizet, 1979.

GEORGEL, Chantal. L'histoire au musée. In: AMAUVI, Christian. (Org.). *Les lieux de l'histoire*. Paris: Armand Colin, 2005.

GINZBURG, Carlo. Ekfrasis e citação. In: *A Microhistória e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989.

_____. *Olhos de Madeira*: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.122-138.

_____. Além do exotismo: Picasso e Warburg. Relações de Força. In: _____. *Relações de força*. História, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 118-136.

GOODENOUGH, Erwin R. *Jewish symbols in the Greco-Roman period*. Princeton: Princeton University Press, 1992.

GOSSMAN, Lionel. *Medievalism and the ideology of the Enlightenment*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1968.

Annals of Museu Paulista. v. 15. n.2. July-Dez. 2007.

GOSSMAN, Lionel. Augustin Thierry and Liberal Historiography. *History and Theory*, Middletown, CT, v. 15, n. 4, p. 3-6, Dec. 1976 (Beiheft 15: Augustin Thierry and Liberal Historiography, disponible en: <<http://links.jstor.org>>; doi: 10.2307/2504654).

GOULEMOT, Jean-Marie. *Le règne de l'Histoire: discours historiques et révolutions XVIIe et XVIIIe siècle*. Paris: Albin Michel, 1996.

GREGORY, Derek; MARTIN, Ron; SMITH, Graham (Org.). *Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. GROETHUYSEN, Bernard. *La philosophie de la Revolution française*. rééd. Paris: Gallimard. 1982 (1ère éd.: 1956; Tel., 67).

GUILLAUME, James (Éd.). *Procès-verbaux du Comité d'Instruction publique de la Convention*. Paris: James Guillaume, 1891-1907. 6v.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Expondo a História: imagens construindo o passado. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 34, p. 71-86, 2002.

_____. Apresentação. In: HARTOG, François. *O século XIX e a história: o caso Fustel de Coulanges*. Trad. R. C. de Lacerda. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003. p. 9-16.

GUIZOT, François. *Histoire des origines du gouvernement représentatif en Europe*. Paris: Didier, 1855.

_____. *Histoire de la civilisation en France depuis la chute de l'Empire romain jusqu'en 1789*. 10^{ème} éd. Paris: Didier, 1868.

_____. *Collection de mémoires relatifs à l'histoire de France*, 31 vol. Paris: J. L. J. Brière, 1823-1835.

_____. *Histoire de la civilisation en Europe*. Paris: P. Rosanvallon, 1985.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural na esfera pública: investigação quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALL, John A. (Ed.). *The State of the Nation: Ernest Gellner and the Theory of Nationalism*. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1998.

HARTOG, François. Temps et histoire. "Comment écrire l'histoire de France?". *Annales: Histoire, Sciences Sociales*, v. 50, n. 6, p. 1219-1236, nov.-déc. 1995.

_____. Primeiras figuras do historiador na Grécia: historicidade e história. In: GUIMARÃES, José Otávio (Org.). *Os Antigos. O Passado e o Presente*. Brasília: Editora UnB, 2003a. p. 11-36.

_____. *Regimes d'historicité. Présentisme et expériences du temps*. Paris, Éditions du Seuil, 2003b.

_____. *Évidence de l'histoire. Ce que voient les historiens*. Paris: Gallimard, 2005a.

HARTOG, François. *Évidence de l'histoire*. Ce que voient les historiens. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 2005b.

_____. Voir depuis Rome: Polybe et la première histoire universelle. In: _____. *Évidence de l'histoire*. Ce que voient les historiens. Paris: Gallimard, 2005c.

_____. *Time, History and the writing of History*: the order of time. Disponível em: <www.fflch.usp/dh/heros/excerta/hartog.html>. Acesso em: 2 abr. 2007 (Conferência em Estocolmo, 1996).

HARVEY, David. *A condição pós moderna*: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.

HASKELL, Francis. *La historia y sus imágenes*: el arte y la interpretación del pasado. Madrid: Alianza, 1993.

HAYES, Carleton J. *The historical evolution of modern nationalism*. New York: R. R. Smith, 1931.

HESSE, Carla. *The other enlightenment: how French women became modern*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2001.

HOBBSBAWM, Eric J. *Nations and Nationalism since 1780: Programme, Myth, Reality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

_____. *A era dos extremos*: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Para uma nova história*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

HOOPER-GREENHILL, Eilean. *Museums and the shaping of knowledge*. London: Routledge, 2003.

HORSLER, Val. *Living the past*. London: Weidenfeld & Nicolson; English Heritage, 2003.

HOSKINS, Janet. *Biographical Objects: how things tell the stories of people's lives*. London: Routledge, 1998.

HOWES, David. To summon all the senses, In: HOWES, David (Ed.). *Varieties of sensory experience*: a sourcebook in the Anthropology of the senses. Toronto, University of Toronto Press, 1992. p. 3-24.

HUTCHINSON, John. Archaeology and the Irish rediscovery of the Celtic past. *Nations and Nationalism*, London, v. 7, n. 4, p. 505-519, Oct. 2001.

HUTTON, Patrick H. The role of memory in the historiography of the french revolution. *History and Theory*, Middletown, CT, v. 30, n. 1, p. 56-69, 1991.

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Arquitetura, Monumentos, Mídia. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

Annals of Museu Paulista. v. 15. n.2. July-Dez. 2007.

- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*. Uma teoria do efeito estético. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1996.
- JACOBY, Russell. *Picture imperfect*: utopian thought for an anti-utopian Age. Cambridge: Columbia University Press, 2005.
- JAMESON, Frederic. *Espaço e imagem*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.
- JENKINS, Keith. *A história repensada*. São Paulo: Contexto, 2001.
- JOUTARD, Philippe. *Ces voix qui nous viennent du passé*. Paris: Hachette, 1983.
- JULLIAN, Camilla. *Au seuil de notre histoire*. Paris: Boivin, 1930.
- _____. La vie et l'étude des monuments français. I e II. Revue Bleue, 6 et 13 janvier 1905. In: *Au seuil de notre histoire*. Paris: Boivin, 1930.
- _____. *Les politiques de l'archéologie du milieu du XIXème siècle à l'orée du XXIème siècle*. Athènes: Ecole française d'Athènes, 2000.
- _____. *Notes sur l'histoire en France au XIXe siècle*. Paris: Hachette, 1896.
- KENNY, Neil Books in space and time: bibliomania and early modern histories of learning and literature in France. *Modern Language Quarterly*, Durham, NC, v. 61, n. 2, p. 253-286, 2000.
- KERCHKHOVE, Derrick. *The Skin of Culture*. Toronto: Somerville, 1996.
- KIBBEY, Ann: *The interpretation of material shapes in Puritanism*: a study of rhetoric, prejudice and violence. Cambridge: Cambridge University Press 1986.
- KNAUSS, Paulo. *A dificuldade em fazer História com imagens*: Arte e Cultura Visual (mimeo).
- KRIEGEL, Blandine. *Les Historiens et la Monarchie*, II: La Défaite de l'érudition. Paris: Presses Universitaires de France, 1988.
- LE GOFF, Jacques. *São Luís*: biografia. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- LEITH, James A. The Terror: Adding the Cultural Dimension. *Canadian Journal of History*, v. 32, p. 315-337, 1997.
- LENCLUD, Gérard. Qu'est-ce que la tradition? In: DETIENNE, Marcel. (Org.). *Transcrire les mythologies*. Paris: Albin Michel, 1994.
- LEVI. Primo. *Os Afogados e os Sobreviventes*. Trad. Luis S. Henriques. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- LEONARDI, Victor. *Os historiadores e os rios*. Brasília: UnB; Paralelo 15, 1999.
- LOWENTHAL, David. *The Past is a foreign country*. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1985.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto História*: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, n. 17, p. 63-180, nov. 1998.

LUGLI, Adalgisa. *Naturalia et Mirabilia*. Les cabinets de curiosités en Europe. Paris: Société Nouvelle Adam Biro, 1998.

MAIRE, Catherine. *De la Cause de Dieu à la Cause de la Nation*. Le Jansénisme au XVIIIe siècle. Paris: Gallimard, 1998.

MARCHAND, Suzanne. *Down from Olympus*: Archaeology and philhellenism in Germany, 1750-1970. Princeton: Princeton University Press, 1996.

MÁRQUEZ, Gabriel J. García. *Cem anos de solidão*. 10. ed. Trad. Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Sabiá, 1970.

MARTEL, Philippe. Le Félibrige. In: NORA, P. *Les lieux de mémoire, III*. Les France, 2. Traditions. Paris: Gallimard, 1992. p. 566-604.

MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornelia; NOVAES, Sylvia C. (Org.). *O imaginário e o poético nas Ciências Sociais*. Bauru: Edusc, 2005.

MÉHÉGAN, Guillaume-Alexandre de. *Origine, progrès et décadence de l'idolâtrie*. Paris: Paul-Denys Brocas, 1757.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico, I. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 9-42, jan.-dez. 1994a (Nova Série).

_____. O Museu Paulista. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 22, p. 573-578, set.-dez. 1994b.

_____. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.

_____. Rumo a uma história visual. In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornelia; NOVAES, Sylvia C. (Org.). *O imaginário e o poético nas Ciências Sociais*. Bauru: Edusc, 2005. p. 33 a 56.

_____. Entrevista: Para que serve um museu. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 19, abr. 2007, p. 46-51.

MILLER, Daniel. Why Some Things Matter. In: _____. (Ed.). *Material Cultures: Why Some Things Matter*. Chicago: University of Chicago Press, 1998. p. 3-21.

MILLET, Charles F. Ancient Historians and "Enlightened" reviewers. *Review of Politics*, Notre Dame, v. 21, n. 3, p. 550-565, 1959.

MILLIN, Aubin-Louis. *Dictionnaire des Beaux-Arts*. Paris: Imprimerie de Crapelet, 1806.

Annals of Museu Paulista. v. 15. n.2. July-Dez. 2007.

MINISTÉRIO DA CULTURA. *Políticas de Museu*. Disponível em: <www.cultura.gov.br/politicas/museus/index.html>.

MITCHELL, W.J.T., *What do pictures want?* The lives and loves of images. Chicago: The University of Chicago Press, 2005.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *Problèmes d'historiographie ancienne et moderne*. Trad. Alain Tachet. Paris: Gallimard, 1983a.

_____. La contribution de Gibbon à la méthode historique. In: MOMIGLIANO, Arnaldo. *Problèmes d'historiographie ancienne et moderne*. Trad. Alain Tachet. Paris: Gallimard, 1983b. p.320-360.

_____. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. São Paulo: Edusc, 2004.

MONTFAUCON, Bernard de. Prospectus. In: _____. *L'Antiquité expliquée*, I. Paris: Compagnie de Librairies, 1716.

MONTFAUCON, Bernard de. *Monuments de la monarchie française*, 35v. Paris: Gandouin et Giffort, 1729-1733.

MYTHEN der Nationen. 1945 Arena der Erinnerungen. Berlin: Deutsches Historisches Museum, 2004.

NARDI, Carla. Archeologia e costruzione nazionale in Italia nei secoli XIX e XX: percorsi di ricerca tra le fonti dell'archivio centrale dello stato. *Mélanges de l'École française de Rome. Italie et Méditerranée*, v. 113, n. 2, p. 657-663, 2001.

NETROVSKI, Arthur; SELIGAMANN-SILVA, Márcio (Org.). *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Escuta, 2000.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. *O espetáculo do Ypiranga*: mediações entre história e memória. Tese (Livre-Docência em História da Cultura Material) - Museu Paulista da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. Museu Paulista: espaço de evocação do passado e reflexão sobre a História. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 10-11, p. 105-126, jan.-dez. 2003.

OLSON, David. *El mundo sobre el papel*: el impacto de la escritura y la lectura em la estructura del conocimiento. Barcelona: Gedisa, 1998.

OROSZ, Joel J. *Curators and culture*: the museum movement in America, 1740-1870. Tuscaloosa: The University of Alabama Press, 1990.

OZOUF, Mona. De Thermidor à Brumaire: le discours de la Révolution française sur elle-même. *Revue Historique*, v. 243, n. 493, p. 31-66, janv.-mars 1970.

OZOUF, Mona. *La fête révolutionnaire*. Paris: Gallimard, 1988a.

_____. Régénération. In: FURET, F.; OZOUF, M. (Éd.). *Dictionnaire critique de la Révolution française*. Paris, Flammarion, 1988b. p. 821-831.

PAYEN, Pascal. Les anciens en figures d'autorité. In: PAYEN, Pascal; FOUCAULT, Didier. (Org.). *Les autorités. Dynamiques et mutations d'une figure de référence à l'Antiquité*. Grenoble: Jérôme Millon, 2007. p. 7-22.

PHILLIPS, John. *The reformation of images: destruction of art in England 1535-1660*. Berkeley: University of California Press, 1973.

PIRES, Francisco Murari. *Mithistória*. São Paulo: Humanitas, 1999.

PLATÃO. *A República*. trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: *Enciclopédia Einaudi*. v. 1: Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

_____. Les deux pôles de la curiosité antiquaire. In: LAURENS, Anne-France; POMIAN, Krzysztof. (Org.) *L'Anticomanie*. La collection d'antiquités aux 18^e et 19^e siècles. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1992.

POMMIER, Edouard. La Révolution et le destin des oeuvres d'art in Quatremère de Quincy. In: Quatremère de Quincy. *Lettres à Miranda sur le déplacement des monuments de l'art de l'Italie (1796)*. Paris: Macula, 1989. p. 7-83.

_____. *L'art de la Liberté: doctrines et débats de la Révolution française*. Paris: Gallimard, 1991.

POULOT, Dominique. Idoles et allégories: les images du passé en Révolution. Essai de biographie culturelle des monuments. In: *L'idolâtrie*. Paris: La Documentation Française, 1990. p. 159-190 (Rencontres de l'école du Louvre).

_____. *Musée, nation, patrimoine 1789-1815*. Paris: Gallimard, 1997.

_____. Museu, Nação, Acervo. Trad. F. R. Willaume. In: BITTENCOURT, José Neves; TOSTES, Vera; BENCHETRIT, Sara (Org.) *História representada: o dilema dos museus*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003. p. 25-62.

PRADEL, Pierre. Les Musées. In: SAMARAN, Charles (Dir.). *L'Histoire et ses méthodes: recherche, conservation et critique des témoignages*. Paris: Gallimard, 1961. p. 1024-1060.

RECHT, Roland. *La lettre de Humboldt: du jardin paysager au daguerréotype*. Paris: Christian Bourgois, 1989.

RICHET, Denis. *La France moderne: l'esprit des institutions*. Paris: Flammarion, 1973.

RICOUER, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Seuil, 2000.

Annals of Museu Paulista. v. 15. n.2. July-Dez. 2007.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A análise e o arquivo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SAINT-SAMSON, Louis Lavicomterie. *Crimes des rois de France, depuis Clovis jusqu'à Louis XVI*. Paris: Au bureau des révolutions de Paris, 1792.

SAMARAN, Charles (Dir.). *L'Histoire et ses méthodes: recherche, conservation et critique des témoignages*. Paris: Gallimard, 1961.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *A escrita do passado em museus históricos*. Rio de Janeiro: Garamond; MinC IPHAN, 2006.

SARLO, Beatriz. *Tempo presente: notas sobre a mudança de uma cultura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

_____. *Tiempo Pasado*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.

_____. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. R F d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

SAUZET, Robert. L'iconoclasme dans le diocèse de Nîmes au XVIème et au début du XVIIème siècle. *Revue d'histoire de l'Eglise de France*, Paris, v. 66, n. 176, p. 5-15, 1980.

SCHNAPP, Alain. *La Conquête du passé*. Aux origines de l'archéologie. Paris: Carré, 1993.

SCOTT, Walter. *The Antiquary*. London: Penguin Books, 1998.

SELIGAMANN-SILVA, Márcio. A literatura do trauma. *Cult*, São Paulo, v. 23, p. 40-47, jun. 1999.

_____. Apresentação da questão. In: SELIGAMANN-SILVA, Márcio. (Org.). *História. Memória. Literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p.45-58.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SEZNÉC, Jean. *The survival of the Pagan gods*. New York: Harper; The Bolling Library, 1953 [London, 1940].

SHKLAR, Judith. Jean d'Alembert and the rehabilitation of history. *Journal of the History of Ideas*, Lancaster, PA, v. 42, n. 4, p. 643-664, Oct.-Dec. 1981.

SMITH, Anthony D. *Chosen Peoples: Sacred Sources of National Identity*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUZA, Iara Lis Schiavinatto Carvalho. *Pátria coroada.: o Brasil como corpo político autônomo, 1780-1831*. São Paulo: Editora da Unesp, 1999.

STAËL, Madame de (Germaine Necker, baronne de Staël-Holstein). *Corinne ou l'Italie*. Paris: Gallimard, 1985.

STEEDMAN, Carolyn. *Dust: the archive and cultural history*. New Brunswick: Rutgers, 2001.

STILLE, Alexander. *The future of the past*. Londres: St. Martin Press, 2003.

SWEET, Rosemary. *The Writing of Urban Histories in Eighteenth-Century England*. Oxford: Clarendon, 1997.

THIERRY, Augustin. *Lettres sur l'histoire de France*, II. Paris: Furne, 1826.

_____. *Récits des temps mérovingiens: précédés de Considérations sur l'histoire de France*. Bruxelles: Meline et Cans, 1840.

THOMAS, Yan. Res, chose et patrimoine: note sur le rapport sujet-objet en droit romain. *Archives de la philosophie du droit*, Paris, Sirey, n. 25, p. 413-426, 1980.

_____. Les ornements, la cité, le patrimoine. In: AUVRAY-ASSAYAS, Clara (Dir.). *Images romaines*. Actes de la table ronde organisée à l'École normale supérieure (24-26 oct. 1996) Paris: Presses de l'École normale supérieure, 1998. p. 263-284 (Études de littérature ancienne, 9).

THOMPSON, Martyn P. Reception theory and the interpretation of historical meaning. *History and Theory*, v. 32, n. 3, p. 248-272, oct. 1993.

TOMÁS, Facundo. *Escrito, pintado*. Dialéctica entre escritura e imágenes en la conformación del pensamiento europeo. Madrid: A. Machado, 2005.

TRENARD, Louis. *Lyon: de l'Encyclopédie au Prérromantisme*. II. Paris: Presses Universitaires de France, 1958.

TROUSSON, Raymond; EIGELDINGER, Frédéric S. (Dir.). Histoire. In: _____. *Dictionnaire de Jean-Jacques Rousseau*. Paris: Champion, 1996. pp. 407-411.

URRY, John. *O olhar do turista*. São Paulo: Studio Nobel; Sesc, 1999.

VAN KLEY, Dale. *Les origines religieuses de la Révolution française 1560-1791*. Paris: Seuil, 2002.

VELHO, Otavio Guilherme (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

VESENTINI, Carlos Alberto. *A teia do fato*. São Paulo: Hucitec; Programa de Pós-Graduação em História da USP, 1997.

VOLTAIRE. *Essais sur les mœurs et l'esprit des nations*. Paris, 1756.

Annals of Museu Paulista. v. 15. n.2. July-Dez. 2007.

VON SCHLOSSER, Julius. *La littérature artistique*. Paris: Flammarion, 1984.

VOSS, Jürgen. *Das Mittelalter im historischen Denken Frankreichs*. Untersuchungen zur Geschichte des Mittelalterbegriffs und der Mittelalterbewertung von der zweiten Hälfte des 16. bis zur Mitte des 19. Jhs. München: Historisches Institut der Universität Mannheim, 1972.

VYVERBERG, Henry. *Historical pessimism in the french enlightenment*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1958.

WEINRICH, Harald. *Lete*. Arte e crítica do esquecimento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

WERNER, Michael. Deux nouvelles mises en scène de la Nation Allemande. Les expériences du Deutsches Historisches Museum (Berlin) et du Haus der Geschichte der Bundesrepublik Deutschland (Bonn). In: HARTOG, François; REVEL, Jacques. *Les usages politiques du passé*. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, 2001.

WHITE, Hayden. *Metahistory: the historical imagination in nineteenth-century Europe*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1973.

WILKINS, Judith. Worsaae and British Antiquities. *Antiquity*. A Quartely Review of Archeology, Cambridge, v. 35, n. 139, p. 214-220, Sep. 1961.

WIND, Edgar. *Pagan mysteries in the Renaissance*. New York: Norton, 1968.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. trad. José Arthur Giannotti. São Paulo: Nacional; Edusp, 1968.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. *La vie des images*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 2002.

ZANKER, Paul. *The power of images in the age of Augustus*. Transl. Alan Shapiro. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2003 [Ed. orig.: *Augustus und die Macht der Bilder*. München: Beck, 1987).